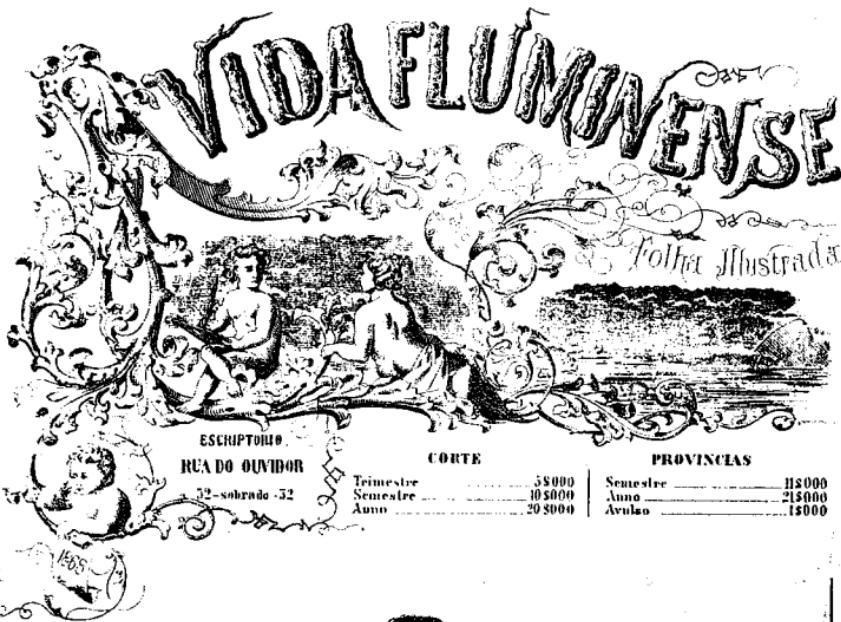


ANNO 5.

SABBADO 3 DE FEVEREIRO DE 1872

N. 214



"O chaco... o chaco... ou aliás
voumos quem tem garrafas
vazias para vender.

Entre a bigorna e o martello.

"Um sudista... ou... meus
coivacados fari o diabo.

A VIDA FLUMINENSE.

Rio, 3 de Fevereiro de 1872.

Se lhes contar o que se passou, não ha muito tempo, na Misericordia, hão-de naturalmente dizer-me no tom da maxima incredulidade :

—Ora qual!

—Asseguro-lhes.

—Não é possível!

—Tanto é, que aconteceu!

—Boatos! Intrigas sómente! Como é que n'um estabelecimento d'aquella ordem, com chefes tão intelligentes e zelosos do cumprimento de seus deveres, pôde dar-se causa semelhante?

—Porei afirmo-lhes...

—Não afirmo nada! É falso, archifalso que uma irmã de caridade ministrasse por... desculpo... a diversos enfermos grãos de chumbo de caca em vez de pílulas de proto-iodureto de mercurio de Ricard...

—Pois ministrou!

—Qual! Não haveria catacago que no escuro confundisse uma causa com outra. Demais...

—Entretanto houve a confusão, e foi um dos proprios enfermos, vítima d'ella, que a denunciou ao medico, mostrando-lhe a *plumbus espherainha*, com que nós, que não somos nem docentes da Misericordia, nem medicos, nem irmãs de caridade, nem causa que o valha, só nos servimos para matar tico-ticos, e que da noite para o dia foi arvorada em proto-iodureto de mercurio pela piedosa enfermeira.

—Sim? E quando foi isso?

—Não há um mez ainda.

—A irmã de caridade foi logo posta no olho da rua, não?

—Não!

—Mas então ficou ~~sign~~ punição um descuido, que podia ter consequencias tão funestas?

—Qual!

—Logo vi! Logo vi! Conto-me, então, o que houve, que providencias se derão para evitar repetição do facto, que pena inflingiu-se ao culpado para exemplo dos outros empregados, e quem foi o punido?

—A irmã de caridade nada sofreu por ser, coitada! uma pobre senhora; o enfermeiro também não, por ser, coitado! um pobre homem; os empregados superiores ainda menos, porque, coitados, nenhuma culpa tinham no engano!

—Homem de Deus! Basta de purilongas considerações, de infinitos rodeios! Não vê que es-

torro de curiosidade, se não me conta já a causa não pão queijo, queijo? Diga-me: diga-me sobre quem cairão as justas iras do Exm. Sr. provedor? Falle! Falle!

—Ora, sobre quem mais havia de ser, senão sobre o medico, a quem um dos enfermos *chumbatis* *cavidosamente* disse que não podia engolir ta' pílha, e que foi relatar tudo ao *aviseiro* dix' a Misericordia e mostrar-lhe o medicamento espingardoso como uma novidade na scienzia hypocratica?

—Ora! ora! Então com que...!!!

Quem diria que tal havia de acontecer na Misericordia e Corda! Quanto mais se cere, mais se vê!

Este dialogo não é meu nem nunca tive geito para inventá-lo.

Ouvi-o n'um bond fechado do Jardim Botânico, e reproduzo-o com a possivel fidelidade.

O irmão de Mister Rayney, encarregado de negocios do Systema Ferry junto á corte de Nithery, costuma puxar com suas proprias mãos a corda da sineta da ponte treze vezes:

A 1º é para avisar que ~~seu~~ barca vai chegando a S. Domingos;

A 2º que chegou ali;

A 3º que de lá sahio;

A 4º que vai chegando à Praia Grande;

A 5º que atraçou na ponte;

A 6º, que falta pouco para sahir;

A 7º, que ainda falta menos;

A 8º, que e tá quasi, quasi!

A 9º, que vai dar o antepenultimo signal;

A 10º, que vai dar o penultimo;

A 11º, que vai dar o ultimo;

A 12º, que não espera por mais ninguem porque a outra barca se approxima;

A 13º, é afinal a ultima!!!

Treze! Treze repiques! Que conta, master Rayney!

Ainda bem que a gente do Sr. Fleiuss não é capaz de abusar assim da paciencia publica; não, senhores.

Tenho muitas vezes contado, uma por uma, as badaladas que dão para anunciar a partida de cada barca, e asseguro-lhes que, em vez de 13, dão lá sómente... 12.

Pelo que não podemos deixar de ser-lhes muitos gratos.

À respeito do proximo conflito prusso-brasileiro, minha opinião é que, a exemplo do que fez Bismarck em França, só devemos lançar mão de refens. O primeiro d'elles será o Sr. Hermann Haupt, e quando estourar a primeira bomba arreicada pelos couraçados alemães.... zás....

E creio que todos pensão como o

MANECO.

Post-scriptum.

Consta por abi que a questão *prusso-brasileira* está acabada.

Portanto o dito por não dito; e em todo o caso, antes assim.

O mesmo.

Julia Delépierre.

Se trata d'esta artista em artigo especial é que os talentos de eleição merecem horas especiais.

É da pleia dos concerlistas até hoje ouvidos no Rio de Janeiro de bem poucos sci. que, à imitação de Julia Delépierre tenham tanto direito ao elogio dos mestres, à admiração dos amadores e aos aplausos do público.

Não se trata aqui de um talento vulgar, ou da influência, que a novidade de ver uma mulher bonita a tocar rabeca possa ter sobre o espírito das nossas platéas. Nada disso. Trata-se de uma *virtuosa* que transforma o mais ingrato dos instrumentos em manancial de sensações deliciosas; de uma artista para quem o fogo sagrado não é palavra óca de significação.

Idé ouvi-la, e vereis se é desacerto o que digo. Escutai religiosamente aqueles sons ora festivos, ora plangentos, e dizci-me se é possível exigir-se mais suavidade, mais pureza, mais alma nos cantos dos grandes mestres, ou nos caprichos enfoitados de uma *fantasia* onde as notas se multiplicam e emmaranham de princípio a fim!

Prestai atenção ao modo porque à notável concerlista, à imitação de Thalberg, sabe aplicar ao seu instrumento, a arte do canto, e negai, se podesseis, essa disposição excepcional para a arte, essa divina scentedha que lhe toca n'alma e lhe avigora o braço.

Para quantos a ouviram já, Julia Delépierre é uma das mais notáveis concertistas que tem vindo a esta corte.

E' prova disso não só a constante concorrência que enche a sala do theatro francê todas as vezes que o nome de Julia Delépierre figura no programa da noite, como também o religioso silêncio com que é ouvida e os aplausos vehementes, de que o público é prodigo ao terminar de uma cadencia nitidamente executada, ou de uma dessas phrases de Bellini ou Gounod, onde a inspiração do maestro se funde com a inspiração da concertista.

Talentos como o de Julia Delépierre são sempre bem vindos.

Apriparam o gosto e elevam a arte.

Ouve Allard, Vieuxtemps, Sivori, Paul Julien e Sarazate. Tenho pois o direito de ser exigente.

Pois bem: exceção feita dos trechos onde a agilidade é elemento indispensável, eu não duvido, nos andantes especialmente, de colocar o nome de Julia Delépierre ao nível de qualquer desses se- mideuses da arte, cujo nome atravessa séculos e de quem todos falam com entusiasmo e veneração.

A.

Retalhos.

Dissem que a moda é uma deusa caprichosa, que abraça os seus favoritos até esmagá-los.

E assim é.

A questão, que cahe em voga n'este volvel Rio de Janeiro, é discutida, apreciada, comentada e julgada, até que uma outra não lhe venha disputar o passo, apêndendo-a das auras da popularidade, que elle terá de ceder também por sua vez.

E' um continuo *rei morto, rei posto*.

A ordem do dia de hoje, por exemplo, é a febre amarela; amanhã estreita uma dancarina no Alcazar, e já ninguém discute a epidemia! As pernas pyramides de Mlle A..., a graça com que ella dança, o dinheiro que absorve, a *claque* que a sustenta, são os assuntos de todas as conversações.

Sobreveu um grande incendio, e Mlle A..., é absorvida do dia para a noite pelo comandante dos bombeiros, que começa a ocupar as colunas das folhas diárias!

Estiveram em moda as docas, que cederam o terreno da actualidade à viagem dos Augustos Imperantes. Veio depois a lei da emancipação do elemento servil, à qual sucedeu com estrondo a questão das *freiras* d'Ajuda. Sobre o tumulo d'esta elevou-se a gritaria contra a Estrada de Ferro de D. Pedro II; apareceu depois o conflito alemão, e eis-nos ocupados presentemente com o Rio da Prata, à espera do carnaval.

O culto ephemero das novidades é tributo que pagam todos os grandes centros de população.

Sendo assim, nada ha mais difícil que escrever uma chronica.

SERVICO

MORTUARIO

QUESTÃO
DO
DIA

Matadouro público



As tres Paixas.



Enterro de 3º Classe.

Os preços



Enterro de 2º classe

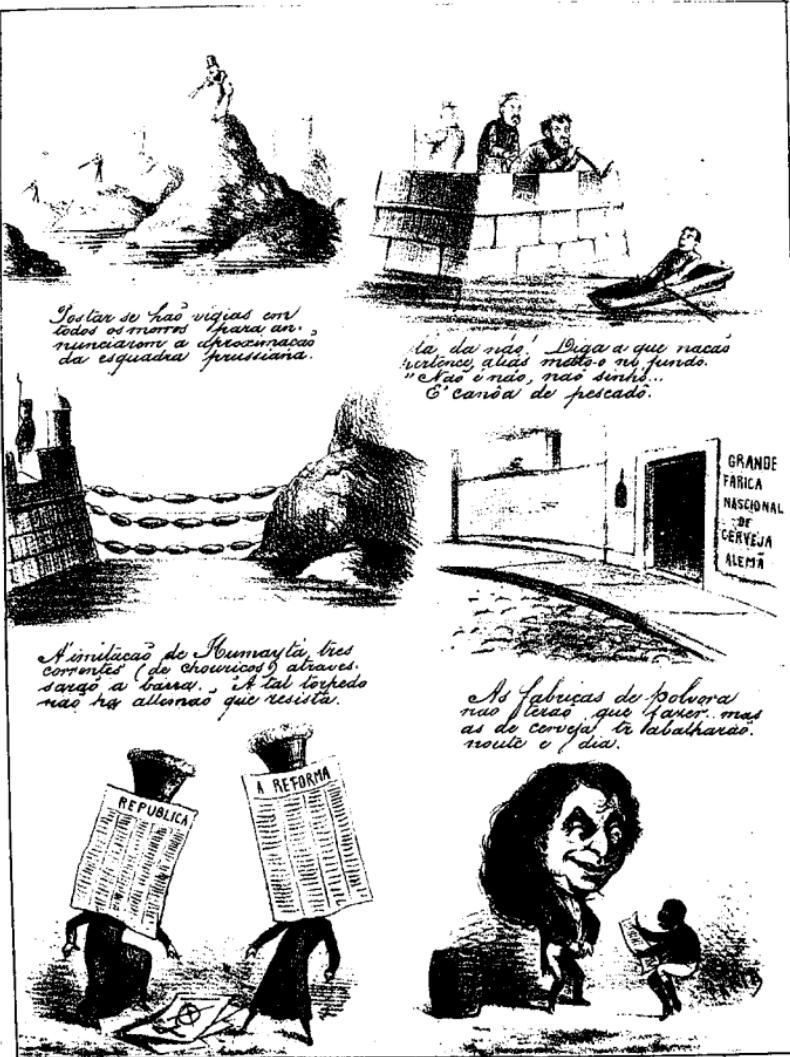


Enterro de 1º classe

FARIA

varavam segundo as distâncias.

Preparativos bélicos.



Em vista dos planos apresentados pelas Reforma e República o governo entregará a esses dois cartões do organo da opinião pública a direção geral da guerra.

mas o Dr. Sennar, almoçado de nascença e muito pratico nos laços chaminés do general Bour, pro testava, (a los con seu mafogue contra Sennarhante resolviu).

Ha por ahi alguém que ainda se lembra da guerra do Paraguai?

Dirigi essa pergunta áquelles que marchavam outrora á freu de bandas de música, atacando fogueiros, dando vivas, o fuzendo descuras pelas ruas embaleiradas do Rio de Janeiro; nos bairros de longas cabellinas merovingianas, e que recitavam estripendos versos dos painhaques iluminados; aos políticos que especulariam com a Imaginaria rivalidade de dois grandes generais, e enes vos responderão: —Sim, temos uma idéa vaga d'essa guerra....., foi ha tanto tempo!

Interrogai, porém, á viuva, que perdeu o arrimo da casa naquella lucta cruenta; à mãe, que chore o filho, orgulho da patria; no que se buex como um bravo, honrando o pavilhão brasileiro, e aos que mandigam por ahi o óbulo da caridade, cheios de horas o cíentres, e elles vos dirão: —Jánais esqueceremos esta pagina da nossa historia!

O leitor não levará a mal que eu veleja recordar um dos episódios mais brillantes dessa guerra, que para muitos já assaiu as horas de ser discutida no Instituto Historico, —associação importantíssima, que tem por fim baralhar e contundir a historia do Brasil.

Se alguém ainda se lembra, que passamos Humaitá, deve se recordar também que o encouraçado *Bahia* foi um dos heróis desse feito.

Pois bem; no dia 29 desse mes, a convite do tenente José Carlos de Carvalho, dirigiu-é á bordo de tal herói, e ahi assistiu a uma solene festa, de que elle foi objecto e throno.

Tratava-se nada mais, nada menos, que de dar ao glorioso navio a venera do *Cruzeiro*, com que fôa agraciado pelo governo imperial, e de distribuir peixes pratas da guarnição a honrosa medalha da passagem de Humaitá.

— Ora isto já foi ha tanto tempo! dirá o leitor.

— O que querem? Já que os grandes orgos culam-se a tal respeito, é preciso que este pequeno realje diga ao menos alguma cosa.

O *Bahia* trajava galas, todo por dentro e por fora embandeirado, espelhando-se faceiro nas águas dormentes do nosso porto.

E a vez do estripendo sinistro dues balas, que eram arremessadas outrora de suas torres denegridas, vomitando a morte sobre os terríveis baluartes da tyrannia, partiam de seu seio, perfumado pelas flores, suaves harmonias executadas por uma banda de musica.

Dir-se-hia até que elle pordera o aspecto grave e severo de um encouraçado, para tornar as fôrmas leves e ligeiras daquelle formoso bergantim, do que nos fala o poeta hespanhol e inspiradas estrophes.

Em sua tolda viam-se formosas representantes d'esse sexo, que inspira versos nos poetas, idéias A palheta, e melodias aos sacerdotes da muza de Bellini e Donizetti

O ceu era límpido e sereno, como nos romances, A trindade — mulher, luz e perfumes de que tanto abusou os modernos trovadores, estava ali dignamente representada.

Os gastronomos, que da tolda langavam os suns visões para o alegriaonto dos officiaes, viam, em linha de batulha sobre profusa mesa, a trindade — croquetes, sandwiches e camarões, figuras obrigadas de todos os *lunchs*.

A festa começou por uma missa resada, officiando o sacerdote em um singelo altar erguido na tolda.

Apoz a missa o commandante do *Bahia*, em conciso e eloquente discurso, fez a fé do officio do navio, pedindo em seguida ao capitão do mar e guerra Arthur Silveira da Motta, que, como oficial de paciente mais elevada, que alli se achava, e como um dos heróis do feito que se comemorava, fosse depositar na caixa do leme a verna da *Cruzeiro*, com que o navio havia sido agraciado.

Si ha condecoração bem ganha, é por certo aquella!

Muitos comandadores, que por ahi andam, e muitos titulares que por ahi se arrastam, não poderão dizer outro tanto!

Seguiu-se depois a cerimônia da distribuição de medalhas pelas praças, orando depois os tenentes Carlos de Carvalho e Graça.

A festa terminou pelo *finis coronat opus* de todas as nossas festas, —por uma solemne cerimônia de queixos, em que, digno de passagem, os queixos não fizeram a minima cerimônia!

Todos comeram, e beberam á exceção do condecorado, que ficou, no rigor do termo, a ver navios.

A novidade mais importante da semana, foi a terminação do conflito Alencastro, que já ia assumindo as proporções assustadoras de uma febre amarela.

Ainda bem.

Agora só temos que nos ocupar com os conflitos que por cá se dão, e que uns são pequenos.

Só os da reforma judiciaria são bastantes para revolucionar todo o Rio de Janeiro!

E um gosto ver como andam os processos de Herodes para Pilatos, discutindo-se a cada momento competências para despachos!

* * *
O carnaval bate-nos á porta.

Vem fanebre e taciturno, como um convite de enterro.

Até saub.-do.

Z.

Assunto de varias cores.

Falla-se de guerra.

Dizem uns que as náos de Bismarck não tardam por ahi. Outros temem um conflito serio entre o Brazil e a republica Argentina.

As noticias ultimamente recebidas dão por terminada a questão prusso-brasileira: mas ficão-nos ainda os negocios do Prata, cuja solução não é, por em quanto, posivel prever-se.

Querem alguns que estas cousas tenham influido muito sobre a parte da nossa populacão mais propensa aos divertimentos. Eu porem sou de opiniao contraria.

Quanto a mim ha só uma cousa capaz de explicar o *sans fagon* com que o publico anda arrelio dos theatros: é o calor.

Hoje, que a diplomacia é uma sciencia positiva, só se acredita em guerra quando as bombas rebentam, ou os hospitais se enchem de feridos.

E tudo o mais são historias.

La eu pois dizendo que o calor traz o publico arrelio dos theatros.

Tambem não é tanto assim.

Deem-lhe espectaculos atraentes, que não lhes resiste o publico, embora tenha de suar copiosamente durante tres ou quatro horas.

No theatro francez, por exemplo, não escasséa a concorrência nas noites em que Julia Delepiere executa uma fantasia no seu violino excepcional ou toca uma walsa de concerto no seu *xilofone* modelo. Não é tão bem menor o numero d'spectadores quando o nome de Tostée figura no programma, e o de Adrienne Duzer deixa entrever aos amadores da cançoneta espirituosa e da pirueta prolongada um mundo de delicias coreographicas.

Lá de operas comicas, embora bem cantadas, e rigorosamente ensaiadas, é que o publico não quer saber.

E pena. Os grandes mestres da escola francesa, Adam sobretudo, que escrevou o *S' j' étais roi*, o *Farfadet* e o *Sourd*, tem direito a ser tratados d'outra forma.

Inaugurou-se o *Cassino Franco-Brésilien*.

Era enorme o calor na noite da inauguração, chovia a catarros, mas a pezar d'essas *pequenas contrariedades* a sala encheu-se a mais não poder, e gente haveria nos jardins, se a chuva, por um desses caprichos que só a astronomia explica, os não tivesse tornado intransitaveis.

Na *troupe* contractada pelo Sr. Bricio ha tres artistas que agradaram deveras.

Mlle. Pons, e os Srs. Aufray e Désir.

A primeira tem as qualidades precisas ás cantoras que de uma cançoneta sem valor positivo, fazem uma cousa que fanatiza o auditorio.

Não lhe falta voz, nem graca no modo de dizer.

O segundo é um maganã ás direitas, dotado de orgão vigoroso e pronuncia clara.

Na cançoneta (um *tanto fresquinho*) *Le grand resort est cassé* mostrou exhuberantemente que conhece de perto os bons modelos comicos da França, e conquistou imediatamente as sympathias de quantos se achavão na sala.

O terceiro (Mr. Désir) é uma segunda edição (talvez mais correcta e augmentada) de um certo *Senor Pépe*, de quem os habituels do Alcazar guardam ainda boa lembrança.

Diz perfeitamente a cançoneta bregeira, e levanta qualquer das pernas até á altura do nariz.

Ha ainda na *troupe* outros artistas, que apesar de todos os esforços que fizeram, não conseguiram tanto como os tres de que me occupei até agora.

A. da A.

CAFÉ DA AMÉRICA

52 RUA DO OUVIDOR - 52

Soares & Meirelles

Café de Moka, legitimo !

Sorvetes da Siberia !

Lunchs opiparos !

Chocolate Marquis !

Chá da India ! (recebido em direutra).

Presunto inglez !

Preços commodos.

(A nota da despesa vai sempre acompanhada de um sorriso gracioso.)

Typ de J. M. A. A. d'Aguilar, rua da Ajuda n. 100.



JULIA DELEPIERRE

segundo uma photographia de Pacheco.